

O Japão na Visão de Oliveira Lima.

Bernardino da Cunha Freitas Abreu¹

Resumo

*Este artigo constitui parte de uma pesquisa cujo objetivo consiste em esboçar um mapeamento historiográfico da gênese das relações político-diplomáticas entre o Brasil e o Japão, tendo como fio condutor de análise a obra *No Japão – Impressões da terra e da gente*, de autoria do diplomata e historiador pernambucano Manoel de Oliveira Lima (1867 – 1928). Durante seu período como encarregado de negócios na legação brasileira em Tóquio, entre 1901 e 1903, Oliveira Lima realizou uma pesquisa de campo sobre o cenário natural e o ambiente sócio-cultural e político japonês, pesquisa esta que resultou na obra analisada nesta monografia; inicialmente, um relatório elaborado por Oliveira Lima para o Ministério das Relações Exteriores, publicado no Rio de Janeiro em 1903. A singularidade da obra de Oliveira Lima, um estudo sobre o espaço geográfico, a sociedade, a cultura e os aspectos sócio-políticos daquele país, reside no fato de ser o primeiro texto publicado por um brasileiro sobre o Japão.*

Em 1901, Oliveira Lima exercia o cargo de Encarregado de Negócios na embaixada brasileira em Londres. Ao receber ordens para assumir a Legação em Tóquio, Oliveira Lima experimentou um forte sentimento de contrariedade pela sua nova designação, em grande parte resultante do preconceito e do desconhecimento acerca do local para onde fora designado, e também devido ao escasso prestígio político (para um diplomata brasileiro) que desfrutava uma representação diplomática de pequeno porte, situada numa região (à época) periférica.

Entretanto, Oliveira Lima não se fez de rogado, no que se referia a informar-se a respeito da missão que lhe fora confiada; desta forma, durante a viagem marítima entre Gênova e Tóquio, Oliveira Lima dedicou-se ao estudo de uma substancial bibliografia a respeito do Japão, desde o desenvolvimento histórico das conexões com o Mundo Ocidental, até os diversos aspectos sócio-culturais e políticos do país, passando pela análise do recente desenvolvimento sócio-econômico que vinha sendo operado no país desde meados da década de 1850; o famoso processo de "ocidentalização" promovido pelo governo Meiji, que assombrava a muitos observadores no Ocidente, principalmente na Europa; e que na prática se constituía na principal estratégia de defesa do Japão, frente às investidas do neocolonialismo e do imperialismo ocidentais.²

Nesta bibliografia, incluíam-se desde as obras acerca das tentativas de cristianização da sociedade japonesa, implementadas pelos missionários jesuítas portugueses no século XVI, até os trabalhos dos maiores especialistas a respeito do Japão contemporâneo à época, tais como Wenceslau de Moraes (com o qual Oliveira Lima, segundo F. C. Gouvêa, encontrou-se pessoalmente no Japão, quando naquele momento ocupava o posto de cônsul de Portugal em Kobe)³, Lafcadio Hearn e B. H. Chamberlain. A gradual mudança de opinião acerca do ambiente para onde fora enviado, e o contraste apresentado pela opinião inicial manifestada em sua correspondência particular, confrontada com as impressões registradas em *No Japão – Impressões da terra e da gente* já constituem por si só um interessante exemplo da diligência e honestidade intelectual do autor.

Ao chegar ao Japão, Oliveira Lima procura compreender, em essência, o princípio de funcionamento das estruturas político-administrativas japonesas. Neste ponto, Oliveira Lima inicia uma análise do funcionamento do sistema administrativo e do sistema de precedências da estrutura político-administrativa japonesa remanescente do período Tokugawa, que ainda sobreviveria entre a abertura dos portos imposta pelo Comodoro M. C. Perry em 1854 até o advento da rebelião contra o shogunato Tokugawa; verificando que um dos fatores que desencadearia a rebelião (*Bakumatsu*) foi justamente as pressões dos governos estrangeiros sobre o governo japonês, diretamente na corte imperial em Quioto, desarticulando a autoridade política do Shogun em Edo. Desta forma, Oliveira Lima fornece ao governo e ao público brasileiros informações essenciais a respeito das transições políticas sofridas pelo Japão ao longo da segunda metade do século XIX, esclarecendo as causas e características do comportamento político do governo japonês neste *fin-de-siècle*. Oliveira Lima alerta-nos neste ponto para o fato de que os jesuítas dos séculos XVI e XVII estavam perfeitamente cientes do arranjo político japonês, pois neste período (na cronologia japonesa, constitui os períodos *Sengoku* [1467-1568] e *Azuchi-Momoyama* [1568-1600]) o arranjo político do shogunato Tokugawa encontrava-se ainda em fase de implantação e estruturação, a qual os missionário europeus testemunharam.

Em seguida, Oliveira Lima verifica que, durante o período de isolamento do país imposto pelo shogunato Tokugawa, observa-se um extraordinário desenvolvimento e difusão da produção cultural; fator que permitiu ao Japão dispor de

reservas de capital simbólico em quantidade e qualidade suficientes (disseminado por praticamente todos os estratos da pirâmide social) para absorver de forma seletiva e controlada a maior parte das contribuições ideológicas sócio-culturais e políticas oriundas do Ocidente.

Desta forma, Oliveira Lima verificou que a evolução política processada a partir da queda do shogunato se desenvolveu de forma extraordinariamente harmônica (considerando-se pelos padrões ocidentais das ciências políticas), tendo como fator de convergência entre os grupos e facções políticas antagonistas durante o período de agitação civil dos anos 1854-68 a concordância acerca da autoridade sagrada do Imperador, acima de quaisquer outros fatores.

Em particular, destaca-se como cerne ideológico a ética social baseada nos princípios do Confucionismo e do Budismo. Através das observações a respeito da "indiferença" e do pragmatismo com o qual o japonês médio encara as questões religiosas, Oliveira Lima caracterizou os embasamentos ideológicos japonês, impermeáveis às influências estrangeiras. O autor verifica o extraordinário pragmatismo, característico da cultura japonesa, o que permite que seja capaz de adaptar-se à introdução de qualquer instrumental ideológico ou à aquisição de qualquer tipo de capital simbólico, sem sacrificar a sua própria estrutura cultural e ideológica, o que proporciona ao povo japonês uma grande capacidade de aprendizado e de absorção de novas idéias práticas.

Destas observações, Oliveira Lima assinala como altamente característicos da sociedade japonesa os seguintes fatores:

A ausência de preconceitos ideológicos, mesmo de cunho religioso;

Reduzida taxa de analfabetismo (que a modernização do sistema educacional contribuiu para reduzir ainda mais, praticamente *erradicando* o analfabetismo do país);

Elevada capacidade de trabalho individual, combinada a uma igualmente elevada capacidade de cooperação e de trabalho em equipe;

Capacidade de reproduzir, com precisão, e adaptar (portanto aperfeiçoar) idéias e invenções estrangeiras;

E, finalmente um forte sentimento de patriotismo, no *strictu sensu* do termo. ⁴

Baseado nestes fatores, Oliveira Lima faz no final do primeiro capítulo uma análise dos desdobramentos das estruturas mentais, tanto ao longo do período de

guerras civis e de reunificação nacional que daria origem à era Tokugawa, passando pela própria reestruturação sócio-política e cultural gradualmente desenvolvida ao longo do próprio período Tokugawa; quanto durante o período de reestruturação sócio-política nacional que daria origem à era Meiji.

No capítulo seguinte, Oliveira Lima faz uma análise do desenvolvimento histórico do cenário sócio-cultural e político japonês, abordando o aspecto da religião; aspecto ao qual o autor retornará diversas vezes, nos capítulos seguintes, pelas mais diversas razões. O autor situa com precisão os momentos históricos; quando a Cristandade vivia o auge de uma crise, com os movimentos da Reforma protestante e da Contra-reforma, e o Japão vivia o final de um ciclo de crise político-institucional e dava os primeiros passos para uma nova era sócio-política; os missionários da Companhia de Jesus presenciaram os dois fenômenos históricos, em ambos os extremos do planeta; e, no Oriente, trabalharam para extrair vantagens para a sua causa aproveitando-se do contexto político do momento.

Devido aos conflitos políticos e religiosos entre os europeus manifestados diante dos japoneses, além do caráter expansionista da política ibérica (incluindo o aspecto totalizante do catolicismo tridentino), no período Edo a orientação política pautou-se pela defesa nacional, o que se traduziu na proibição do cristianismo e no rígido controle de circulação de bens (culturais e materiais) estrangeiros no país. Com o advento do shogunato Tokugawa, além da institucionalização do feudalismo, temos também a estratificação como instrumento de estruturação social. Os *daimyo* de clãs que prestavam vassalagem a Tokugawa antes da ascensão ao shogunato, após o estabelecimento dos Tokugawa passaram a ocupar posições-chave na administração estatal. Entre estes, Oliveira Lima cita a influência feroz dos *hatamoto*⁵ dos Tokugawa. Já os *daimyo* das províncias semi-autônomas ocidentais (principalmente em Kyushu e na região de Chugoku) que mantinham relações diretas com os portugueses, estes passaram a ser submetidos pelo governo de Edo com mão de ferro. Diante deste contexto, Oliveira Lima observa que, exceto pela perseguição ao cristianismo (movida por motivos *a priori* políticos), não se registrou na história japonesa nenhum tipo de conflito religioso, nem mesmo por razões doutrinárias.

A respeito dos fatores ideológicos que garantiam certa estabilidade social (ou até mesmo sócio-política) no Japão anterior ao shogunato Tokugawa, Oliveira Lima assinala alguns fatores básicos, que permeiam as relações no interior da sociedade

japonesa, de certo modo, até os nossos dias. Em primeiro lugar, assinalamos a organização sócio-política (*a grosso modo*, dentro do ponto de vista político-historiográfico *ocidental*) feudal, baseada em unidades clânicas; fator-chave de organização, hierarquização e estabelecimento de lealdades pessoais. Além disso, nos níveis populares, a violenta pressão fiscal dos *daimyo* sobre as populações camponesas impulsionou o desenvolvimento de sólidos sentimentos de comunidade e solidariedade. Em seguida, verifica-se a ambivalência religiosa, materializada no culto simultâneo ao xintoísmo e ao budismo pela mesma população. Acerca desta ambivalência religiosa, podemos inferir, *a grosso modo*, que do xintoísmo os japoneses devem sua concepção teogônica e/ou cosmogônica, ao passo que o budismo estabelece a maior parte dos preceitos éticos e morais e das práticas litúrgicas cotidianas; no que tange a este aspecto, Oliveira Lima reitera a afirmação de que as questões de ordem metafísica são de escasso interesse para a intelectualidade japonesa. De certa forma, é lícito afirmar que o clero xintoísta constitui a instituição detentora do único fator autêntico de legitimação ideológica na sociedade japonesa; a questão da ancestralidade, que legitima a ideologia xintó e a autoridade espiritual irrestrita da figura do Imperador.

A respeito do idioma japonês, Oliveira Lima nos esclarece que houve, no século XVI, uma tentativa de romanização da escrita japonesa, pelos tipógrafos da gráfica do colégio jesuíta de Nagasaki. Após o fracasso desta tentativa, a gráfica jesuítica de Nagasaki passou a produzir livros usando os sistemas de caracteres *kanji* e *kana*, publicando assim os primeiros livros impressos do país. No século XIX, B. H. Chamberlain fez nova tentativa de romanização da escrita japonesa, igualmente fracassada.⁶

Ao observar a questão das conversões religiosas no Japão que lhe era contemporâneo, Oliveira Lima verifica o aspecto principal do utilitarismo; em geral, os japoneses na era Meiji convertiam-se às religiões ocidentais motivados basicamente por fatores pragmáticos, tais como oportunidades de inserção em determinados círculos sociais, ou acesso a oportunidades de trabalho e/ou estudos em ambientes sociais estrangeiros, para os quais a religião consistiria um elemento facilitador de acesso ou de socialização.

No capítulo denominado "As belezas naturais", Oliveira Lima inicia afirmando que esperava encontrar "uma imitação fiel e prosaica do (...) Extremo

Ocidente", ou seja, que o impacto do desenvolvimento econômico e tecnológico viria a desfigurar o cenário natural e/ou os aspectos tradicionais da cultura material cotidiana. "O velho Japão, mesmo o Japão dos Tokugawa, retratado nas porcelanas de cores quentes, nos biombos dourados e nos *kakemonos* discretos; o Japão das cegonhas de amplo vôo donoso, pousando sobre *torii* singelamente majestosos; (...) teria dado lugar a um Japão todo ele votado aos caminhos de ferro e aos barcos a vapor, um Japão esteticamente odioso, semeado de usinas, pontes de metal e rebocadores, que se houvesse despido do caráter tradicional para assumir uma aparência banal. Este novo Japão efetivamente existe, cresce e prospera, mas ao seu lado, realçando-o, sobrepujando-o, dando-lhe vida, tom e alegria, o velho Japão felizmente subsiste."⁷

Entretanto, durante sua estada no Japão Oliveira Lima pôde perceber que a assimilação em larga escala da cultura material do Ocidente e do modo de produção capitalista industrial não significou necessariamente o desaparecimento da cultura cotidiana tradicional japonesa nem mesmo do modo de produção artesanal.⁸ Alguns observadores contemporâneos consideravam esta coexistência de culturas materiais como um cenário de transição, ao passo que Oliveira Lima verifica que se trata precisamente de um contexto de adaptação, e não de substituição, como supõem alguns observadores americanos ou europeus.⁹ Ou seja, Oliveira Lima observou que os japoneses, ao invés de absorver indiscriminadamente a cultura material do Ocidente, adaptaram os elementos que lhes eram mais convenientes à sua própria cultura, num processo que, pela descrição do autor, poderíamos rotular de "revolução conservadora"¹⁰. Dentro da constatação de que o processo de "europeização" não se efetivara de forma indiscriminada, o autor verifica que o impacto ambiental provocado pela introdução de um novo paradigma econômico (o modo de produção capitalista industrial) foi relativamente pequeno¹¹. Mesmo com a introdução de usos e costumes ocidentais, a interação direta e constante com o ambiente natural constitui um elemento indissociável na vida sócio-cultural japonesa¹².

Oliveira Lima verifica que, precisamente naquele momento no Japão (em 1901), a "febre" por novidades do Ocidente iniciada no período de transição dos anos 1860 já havia se exaurido, e que a intelectualidade e os setores populares iniciavam um movimento de revalorização dos elementos materiais, históricos e míticos da cultura nacional. Tal refluxo cultural, Oliveira Lima identifica em dois setores; nas

reações políticas dos antigos funcionários do shogunato, descontentes com a nova ordem sócio-política; e nos movimentos intelectuais conduzidos por eruditos e artistas. Essa absorção cultural seletiva também se reflete no comportamento do Estado e dos militares japoneses, em relação às culturas e nações asiáticas submetidas ao impacto direto da expansão imperialista, em geral. Ou seja, o autor observa que, ao passo que a expansão imperialista ocidental na Ásia (no final do século XIX) se processou de forma quase que exclusivamente militarista e predatória; a ocupação japonesa nos territórios asiáticos (chinês, em particular) caracteriza-se pelo cuidado de preservar os elementos componentes de uma cultura da qual, em última análise, o Japão também faz parte. Neste processo, o Japão se converte em depositário em confiança do patrimônio cultural de toda uma comunidade civilizacional, frente ao avanço do imperialismo ocidental, concomitantemente ao fato de estar participando deste mesmo avanço imperialista.¹³

Oliveira Lima, baseado na constatação de que a evolução histórico-estética da arte japonesa se processou sempre num resgate recorrente dos valores autóctones em momentos de influência estrangeira, reitera que a força desta arte reside em sua própria identidade.¹⁴ Resumindo, neste capítulo Oliveira Lima faz uma análise descritiva da interação entre o cenário natural no território japonês e o desenvolvimento do senso estético na cultura japonesa; considerando essa interação como causa principal da preservação do meio ambiente concomitantemente à mudança de paradigmas sócio-econômicos, além dos aspectos sócio-políticos das variações históricas da cultura japonesa e seus respectivos contextos.

Seguindo adiante em seus comentários acerca do cenário natural no território japonês, observa que a vegetação no país é beneficiada pelas condições geográficas e meteorológicas. "A pujança da vegetação japonesa não carece, porém, de explicações sobrenaturais: é simplesmente o fruto do muito calor e da muita umidade. Ao passo que o inverno é, em grande parte do arquipélago, nas suas costas meridionais e orientais, temperado pelo efeito do Kuroshio ou *gulf-stream* local que sobe de Formosa, o verão coincide com a estação chuvosa. Chove quase continuamente desde os começos da primavera até meados de julho, e menos de um mês depois recomeça a chover, com algumas estiadas, até o pleno outono. O *doyo* ou estação propriamente calmosa e seca, que vem de permeio para permitir após a germinação das sementeiras a frutificação, estende-se aproximadamente de 20 de julho a oito de agosto. (...) A

estação seca coincide pelo contrário com o inverno e suas brancas geadas: é então que o céu japonês se ostenta quase sempre limpo de nuvens, a atmosfera de uma transparência cristalina e o ar de uma leveza tonificante."¹⁵ Baseado nestas observações acerca do aspecto climático, o autor constata que a manipulação deste cenário natural, através das mais variadas atividades agrícolas, se processa de forma a harmonizar a presença humana com o ambiente natural.¹⁶ Obviamente, um dos elementos deste cenário natural com o qual Oliveira Lima mais se impressionou foi a vista do monte Fuji.¹⁷ Em resumo, ao longo do terceiro capítulo, Oliveira Lima faz uma detalhada dissertação acerca do cenário natural do território japonês e faz considerações sobre como este ambiente natural exerce uma influência absoluta sobre as estruturas sócio-culturais japonesas, refletindo de forma determinante em diversos aspectos políticos e econômicos da sociedade japonesa, especialmente através da religião e da arte.

No capítulo intitulado "O caráter nacional", Oliveira Lima faz uma análise de cunho sociológico e psicológico das características gerais do comportamento individual e coletivo japonês; iniciando por uma comparação entre as observações realizadas por S. Francisco Xavier no século XVI e as análises dos intelectuais do século XIX. A principal característica observada pelos pensadores ocidentais é o forte senso de compromisso (tanto individual quanto coletivo) que norteia as relações sociais, políticas e o próprio comportamento do indivíduo em particular. Este senso de compromisso (expressado por Oliveira Lima como "sentimento de honra"), no passado, constituía a base da ética marcial que norteava o comportamento da aristocracia feudal. Com a abolição do shogunato e o posterior nivelamento da sociedade civil, os valores da ética *samurai* difundiram-se ainda mais pelo restante da sociedade, passando a caracterizar o comportamento social e político inerente à cultura japonesa em geral. Pode-se verificar, nesta análise, a diferença entre a percepção de Oliveira Lima, com seu *ethos* proveniente da aristocracia rural pernambucana (temperado pela influência intelectual do Curso Superior de Letras de Lisboa) e efetuando uma análise *in loco*; com a percepção da antropóloga norte-americana Ruth Benedict,¹⁸ autora de *O Crisântemo e a Espada*, uma análise baseada em referências indiretas (fontes bibliográficas, cinematográficas e depoimentos de imigrantes), empenhada em explicar a estrutura e o funcionamento da sociedade japonesa para o público e o governo norte-americanos, aparentemente com grande

dificuldade de compreender uma realidade sócio-política diferente da preconizada pela ética protestante e pelos princípios de J. Locke, D. Hume e A. Smith. Ou seja, a análise de Oliveira Lima leva-nos a perceber que o senso de independência (até mesmo de auto-suficiência) preconizado pela ética japonesa não entra em conflito com o senso de organização social e de coletividade, ao contrário do que se observa geralmente na sociedade ocidental (em particular, anglo-saxônica), onde o "individualismo rude" (segundo as palavras do presidente norte-americano Herbert Hoover)¹⁹ parece constituir a base da ética social.

Comentando acerca do conhecimento geral de leitura e escrita, Oliveira Lima observa que a literatura constitui um elemento indissociável do desenvolvimento cultural japonês; a primitiva sociedade japonesa efetuou bem cedo a transição cultural da oralidade para a literatura,²⁰ e para o desenvolvimento de um esboço básico do que, *grosso modo*, poderíamos considerar, talvez, como registro historiográfico (*monogatari*; literalmente, narrativa). O desenvolvimento da literatura clássica se deu até o século XII, no ambiente da corte imperial em Kyoto. A partir daí, até o século XVII, temos o desenvolvimento de narrativas de combate, típicas dos períodos de guerra civil (*Sengoku* e *Azuchi-Momoyama*).

Da descrição resumida acerca do desenvolvimento histórico da literatura japonesa, Oliveira Lima passa para o contexto do desenvolvimento sócio-político do qual esta literatura constituía o reflexo; com o desenvolvimento do processo de unificação no século XVII, o feudalismo se institucionaliza.²¹ Neste ponto, ocorre certa convergência entre o texto de Oliveira Lima e as análises de K. M. Panikkar, acerca das práticas ocidentais que se referem aos aspectos ideológicos de seu expansionismo; ambos os autores recordam-nos da importância da pregação religiosa no processo da expansão colonial européia, e de como a incoerência entre proselitismo e fatos (ainda mais evidentes nos séculos XIX e XX que nos séculos XVI e XVII, segundo as observações de Oliveira Lima) contribuíram para o esvaziamento destas empreitadas; e de como o Japão reagiu à esta questão no século XIX.

Como se pôde verificar, o Japão percebeu rapidamente a necessidade de adquirir capital simbólico (recursos intelectuais) para se adaptar e resistir aos avanços do imperialismo ocidental. Entretanto, esta aquisição de conhecimento se processou de forma seletiva e controlada; ao invés de se permitir à instalação generalizada de instituições de ensino médio e superiores estrangeiras, como parte de concessões

colonialistas (como ocorrera com a China, Índia e outras nações asiáticas); foram contratados individualmente diversos especialistas, em diversos ramos do conhecimento, para atuar como docentes em instituições de ensino superior controladas pelo próprio Estado japonês; além do costume de enviar constantemente estudantes ao exterior. Desde então até a atualidade, tem sido uma tradição bastante progressista, tanto no meio acadêmico quanto em outras instituições japonesas, fazer uso dos serviços de professores e consultores estrangeiros.

No que diz respeito a questões de propriedade privada, o contexto de saque, pilhagem e pirataria perpetrada por tripulantes de navios ocidentais²² durante o período de expansão imperialista na Ásia, ao longo dos séculos XVIII e XIX, passou a refletir nos cálculos e planejamentos político-diplomáticos e jurídicos das autoridades e instituições públicas e privadas japonesas. Na realidade, pode-se dizer que a simultaneidade entre os fenômenos históricos - no caso, a expansão imperialista ocidental na Ásia, e a guerra civil contra o shogunato Tokugawa (Bakumatsu) - serviu para alertar as lideranças dos diversos setores da sociedade japonesa acerca da seriedade das questões sócio-políticas que o país viria a enfrentar, e dos perigos que representavam o comportamento político das nações ocidentais. Tratava-se de um jogo extremamente perigoso, onde os dirigentes dos setores políticos, comerciais e financeiros japoneses perceberam rapidamente (para desconsolo e despeito dos capitalistas ocidentais) quanto à futilidade de se "jogar limpo". Quanto a esses aspectos, Oliveira Lima exemplifica, com certa ironia, os conceitos expressados com alguns episódios de seu próprio testemunho. Numa nota de pé de página, nos esclarece que, apesar da política de "país fechado", as autoridades japonesas de forma alguma se mantinham ignorantes acerca do que acontecia fora de suas fronteiras, e que o enclave de Dejima (Nagasaki) constituía uma janela de observação razoavelmente eficiente.²³ Como foi possível verificar pelo testemunho de Oliveira Lima, o processo de modernização da sociedade japonesa, por ser, em última análise, um processo estratégico de defesa em larga escala, pautou-se então pelo mais rígido (e espontâneo) pragmatismo. Ou seja, ao longo do processo de assimilação científico-cultural seletivo, foram privilegiadas as informações tecnológicas e científicas, em detrimento dos conceitos ocidentais de cunho filosófico e humanístico.

Seguindo esta linha de raciocínio, Oliveira Lima constata a grande ênfase institucional aplicada no fomento à pesquisa científica (especialmente nas áreas da

engenharia e da medicina) e à educação pública. “Os que desejarem levar mais longe suas pesquisas neste campo, farão bem em visitar e estudar a organização da Universidade Imperial de Tóquio, o primeiro estabelecimento de ensino superior do país e templo onde a ciência é alvo do culto mais fervoroso. (...) Esta instituição do governo, que se evoluiu da fusão de antigas escolas japonesas fundadas pelos Tokugawa e modernas criações ditadas pela europeização das idéias, ou antes dos processos, abrange as seis faculdades de Direito, Medicina, Letras, Ciências, Engenharia e Astronomia. Dela dependem vários hospitais, um observatório astronômico, museus, laboratórios, um laboratório marítimo de biologia, um jardim botânico, uma herdade e magníficas florestas, tudo em vista do ensino prático, sabiamente aliado ao teórico. (...) O corpo docente da Universidade poucos professores estrangeiros conta atualmente (...). Na faculdade de Medicina o professor Baelz, sábio alemão, acabou de ver festejado o 25º aniversário do seu professorado, com o qual cessou sua ligação com a Universidade. Muitos dos catedráticos japoneses estudaram porém na Europa e nos Estados Unidos, e raro é o que pelo menos não visitou ou aperfeiçoou seus conhecimentos nos grandes centros de cultura como Paris, Berlim, Viena, Londres, Harvard, etc. Os edifícios são excelentes, (...) e acham-se quase todos reunidos nos terrenos do *yashiki* ou solar urbano do daimio de Kaga. Como que para ligar indissolivelmente o presente ao passado nacional, a porta de entrada da Universidade Imperial continua a ser o *akamon* ou portão vermelho de largo teto entalhado, recurvo e alpendrado, com duas construções laterais análogas, em ponto menor, da desaparecida habitação senhorial.²⁴ (...) Sobretudo não esqueçam os que percorrem, surpresos, esses laboratórios dotados dos mais modernos instrumentos, essa biblioteca composta de mais de 224.000 volumes, essas oficinas de engenharia, esses observatórios em que se estudam os fenômenos atmosféricos e as convulsões subterrâneas, que esta nação era, há pouco mais de um quarto de século, governada tão-somente pelo empirismo e pelo esotericismo, transmitindo-se de pais a filhos ou discípulos adotados os segredos de todo gênero, de arte médica como de arte industrial. Tampouco esqueçam, na sua admiração, que tudo quanto ela há consumado e alcançado, o tem sido a despeito de uma língua, que é um instrumento complicado e imperfeito de aquisição e fixação de noções, sendo muito diferente a linguagem clássica da coloquial e esta da escrita, e tendo tido que tomar emprestado ao chinês

mais de metade do seu vocabulário, inclusive quase todos os termos significando abstrações e exprimindo cambiantes do dizer”²⁵.

A partir deste comentário a respeito das complexidades da língua japonesa, Oliveira Lima tece considerações a respeito destas dificuldades; as diferenças de vocabulário adotadas de acordo com a posição social do emissor e do receptor do discurso; além da dificuldade operacional de se empregar, na comunicação escrita, um código ideomático (*kanji*) e dois códigos fonéticos (três; se além do *hiragana* e do *katakana*, contarmos mais algum código estrangeiro, como o abecedário latino [em japonês, *romaji*]); como o autor nos esclarece, citando a análise sistematizadora da língua japonesa, levada à cabo por B. H. Chamberlain.

Oliveira Lima observa que, com a mudança do paradigma sócio-econômico e com a introdução do sistema capitalista industrial na sociedade japonesa, esta sofreu um violento impacto, que se reflete tanto no comportamento individual (manifestado pelo consumismo e pela erosão dos costumes sociais) quanto nas relações e processos sócio-políticos em geral, nos seus mais diversos níveis. O autor faz uma comparação da sociedade feudal japonesa, dotada de uma economia não-monetarizada, com a sociedade contemporânea.

Uma das principais observações feitas nesta passagem da obra é a respeito da deterioração das relações sociais, num momento histórico analisado em relação a outro imediatamente anterior (mercantilização das sociabilidades, um certo grau de perda do espírito comunitário tradicional e o advento, em certos setores, da influência, *grosso modo*, de uma variação do darwinismo social), ocorrida em decorrência das mudanças econômicas e políticas.

No capítulo denominado "Os divertimentos populares", Oliveira Lima faz ao mesmo tempo uma análise dos aspectos mais mundanos e dos mais elevados das manifestações culturais da sociedade japonesa, através da observação do cotidiano no país e do diálogo estabelecido entre as estruturas sócio-culturais e artísticas nativas e as importadas do Ocidente. O autor inicia sua análise pelas chamadas artes marciais, entremeando as descrições objetivas das práticas com comentários acerca das origens, passando gradualmente para a análise das chamadas artes dramáticas.

Como já comentara antes, Oliveira Lima reitera o fato de que a natureza constitui a inspiração-mor para a maioria das manifestações artísticas na cultura japonesa, como no caso das inúmeras carpas de papel que são estendidas nos mastros das casas no verão. "No dia em que chegamos a Nagasaki, em meados de junho, todas ou quase todas as casas das povoações que circundavam a pequena e pinturesca baía, ostentavam em mastros imensas e diminutas carpas de papel, douradas, vermelhas e pretas, que o vento fazia oscilar e inchar e que formavam um conjunto alegre e encantador à vista.²⁶ Indagando o motivo desta exibição ictiológica, explicaram-me que se tratava ainda da festa dos filhos varões da família, e que assim como as carpas, únicas entre os peixes, sobem as correntes, era de se esperar que os rapazes marinhassem pela vida acima, fazendo por si e vencendo os obstáculos (...)"²⁷

Em seguida, prosseguindo na análise das artes marciais, Oliveira Lima descreve acerca da grande popularidade das práticas de arqueiria (*kyudo*) e esgrima tradicional (*kenjutsu* e *kendo*), que contam com grande número de praticantes e entusiastas por todo o país.

Em seguida, Oliveira Lima dedica-se a comentar a respeito do que, na sua percepção, constitui o maior prazer do povo japonês: o teatro. Através das diversas modalidades de apresentação teatral; *No*, *Kyogen*, *Bunraku* e *Kabuki*, Oliveira Lima disserta, de forma comparativa à evolução histórica e estética do teatro ocidental (em particular, francês), acerca da evolução estética da produção literária japonesa. Ao comentar a respeito do caráter solene do teatro *No*, Oliveira Lima observa que algo semelhante à proposta estética naturalista formulada por Diderot ainda não ocorrera aos teatrólogos japoneses, apesar do clima de "ocidentalização" vivido no país, naquela época.

Dentro do contexto das artes e do entretenimento popular, Oliveira Lima novamente assinala o fato de que, no âmbito sócio-cultural, os japoneses ainda não haviam sido contaminados pela atitude utilitarista típica da sociedade capitalista industrial do Ocidente e sua noção burguesa puritana sobre o gerenciamento do tempo, acerca da qual nos esclarece E. P. Thompson.²⁸ Oliveira Lima observa (num estilo bastante exaltado por G. Freyre) que, no ambiente da platéia de uma apresentação teatral podem-se verificar, ao longo do desenrolar do dia, diversos aspectos da vida social japonesa, como encontros, reuniões, práticas gastronômicas, etc.

Através de sua dissertação sobre os diversos aspectos do teatro no Japão, Oliveira Lima faz uma criteriosa análise da absorção dos costumes cotidianos ocidentais pela sociedade japonesa, e por comparação de contrastes observa como, a despeito das adaptações feitas em função das necessidades de ordem econômica e/ou política, as práticas e usos cotidianos mais tradicionais permanecem solidamente preservados nos mais diversos aspectos do dia-a-dia dos japoneses; seja nas regras de etiqueta, nos estilos de habitação e vestuário, as práticas religiosas cotidianas (pouco afeitas ao caráter racionalista e ascético do budismo ortodoxo *hinayana*) e principalmente nos hábitos alimentares.

No que tange ao aspecto religioso, Oliveira Lima verifica que as diversas celebrações ao longo do ano, levando em consideração os mais variados aspectos da vida cotidiana (a entrada do Ano Novo, as colheitas do arroz, o crescimento das crianças, as mudanças das estações, o aniversário do Imperador [a instituição, não o indivíduo]) servem igualmente de motivação para diversos festejos e diversões populares. Outro aspecto peculiar da cultura cotidiana japonesa, que também chamou a atenção do autor, refere-se ao aspecto gastronômico, no qual se destaca o elevado grau de especialização dos restaurantes e outros estabelecimentos existentes no Japão.

No contexto do desenvolvimento destas considerações a respeito dos aspectos cotidianos da cultura popular japonesa, Oliveira Lima passa a destacar as questões da organização familiar e da educação das crianças, duas tarefas de importância capital para o desenvolvimento do edifício social, tal como a sociedade japonesa o percebe, e cujas atribuições de gerenciamento constitui um dos pontos-chave para a compreensão do *status quo* da mulher na sociedade e na cultura japonesa, questão acerca da qual Oliveira Lima irá se aprofundar no capítulo seguinte.

No capítulo referente à condição da mulher na sociedade japonesa, Oliveira Lima assinala a existência de um equilíbrio baseado em uma escrupulosa observância da ética confucionista e budista; a notória condição submissa da mulher na sociedade japonesa (como o autor veio a compreender, a partir da análise dos fatos observados, em 1901) se baseia num rigoroso *pacto social*, pragmático e voluntário; condição fundamental em uma cultura social que valoriza a manutenção constante de condições harmônicas nas relações sociais como um elemento de importância fundamental para a manutenção de sua própria existência.

Considerando o caráter racional do arcabouço ético dos diversos aspectos do pacto social japonês, Oliveira Lima supõe que, da mesma forma como a sociedade em geral absorveu de forma seletiva elementos culturais do Ocidente, as mulheres japonesas também, eventualmente, farão sua própria releitura das propostas dos movimentos feministas ocidentais, adaptando-as às peculiaridades de sua própria cultura e de suas próprias necessidades cotidianas.

Oliveira Lima observa que o grau de influência da mulher no gerenciamento do ambiente conjugal é inversamente proporcional ao nível social no qual está inserido o casal e/ou toda a família; ou seja, nas famílias aristocráticas, as mulheres teriam menos influência e/ou voz ativa que nas famílias das classes populares.

Oliveira Lima, analisando comparativamente as estruturas ideológicas existentes no Japão e a eventual absorção de valores estruturais do Ocidente, faz um exercício especulativo a respeito das possibilidades de fomento da valorização sócio-política da condição da mulher no interior do corpo social japonês²⁹; ou seja, Oliveira Lima vê com otimismo o futuro da condição social da mulher japonesa, como decorrência da *combinação* dos valores tradicionais japoneses com os valores sociais do Ocidente (Seria talvez por causa deste tipo de asserção que Gilberto Freyre teria classificado Oliveira Lima como "futurólogo"?³⁰). Comentando a respeito do esforço realizado pelas damas da alta sociedade japonesa de adquirir conhecimentos além do ambiente acadêmico, o autor cita as atividades do *Getsu yo kai* (Monday Club), onde eventualmente foi convidado para pronunciar uma palestra acerca da história e da sociedade brasileiras.³¹

No capítulo intitulado "Paisagens artísticas", Oliveira Lima chama-nos a atenção para um dos elementos de maior destaque na arquitetura japonesa; a arquitetura religiosa.

Nos outros capítulos, Oliveira Lima faz diversas observações a respeito das relações entre as tentativas de entrada das religiões ocidentais no Japão e os diversos aspectos sócio-culturais e políticos do cenário japonês. Neste capítulo em particular, o autor dedica-se a analisar os aspectos cotidianos da religiosidade japonesa, excluindo desta vez as interferências ocidentais; ou seja, descrever especificamente o cenário religioso japonês. O autor dedica-se a analisar as formas de devoção popular, as

construções dos templos, as ofertas votivas, e os costumes e raízes doutrinárias que orientam tais práticas.

Observando acerca das peculiaridades ritualísticas e litúrgicas do ambiente religioso japonês, o autor verifica que "Ainda o xintoísmo é por sua natureza mais seco de fórmulas e ritos, mas o budismo japonês não cede a este respeito a palma ao catolicismo italiano."³²

Ainda dissertando a respeito das peculiaridades do xintoísmo, Oliveira Lima observa que sua arquitetura está intimamente ligada ao culto à natureza, ao passo que a arquitetura em função do budismo caracteriza-se pela exuberância a serviço da espiritualidade.

Dentro deste contexto de configuração cultural da sociedade japonesa, Oliveira Lima observa que o budismo japonês precisou incorporar em seu corpo doutrinário diversos elementos da mitologia xintoísta, para poder se difundir através das massas. Como já fora observado por diversos outros intelectuais, Oliveira Lima verifica que é um tanto inadequado caracterizar o xintoísmo especificamente como um sistema religioso, visto que o "xintó", na realidade, não constitui um corpo ideológico claramente cognoscível; pelo menos, não por um enquadramento taxionômico e/ou sociológico baseado numa abordagem positivista.

A partir dos comentários acerca das características da religiosidade japonesa, Oliveira Lima cria uma oportunidade para dissertar a respeito de Kioto; de fato, até os dias de hoje, Kioto se destaca como o principal centro de produção cultural e artística do Japão, tanto no que se refere à produção de bens culturais tradicionais quanto contemporâneos.³³ Esta produção cultural, como já foi citado anteriormente, se desenvolve em função do ambiente natural (no caso da arquitetura, principalmente religiosa), e da representação dos diversos elementos componentes deste cenário natural (animais, plantas e paisagens); quase em detrimento da representação humana. Oliveira Lima observa que a doutrina xintoísta não proporciona grande inspiração para a produção artística (com exceção para a poesia), ao passo que a doutrina budista oferece um vasto repertório narrativo e representativo que serve de inspiração para as mais variadas formas de manifestação e produção cultural. Entre as manifestações artísticas analisadas por Oliveira Lima, ganham destaque a produção de gravuras, o culto e a prática da cerimônia do chá, e o cultivo de jardins.

À medida que foram se intensificando os intercâmbios comerciais entre o Japão e o Ocidente, parte da produção artística japonesa, por imposições de ordem mercadológica, foi se adaptando à estas necessidades (tendência esta que se perpetua até os dias atuais; em função das imposições de mercado, o autor previu, muito corretamente que, um dia, boa parte da produção artística, incluindo a de cunho erótico, seria gerada em função dos padrões do gosto ocidental); questão à qual Oliveira Lima não deixou de estar atento, verificando inclusive que este impacto comercial não afetou em absoluto o nível de qualidade das manufaturas tradicionais (principalmente em Kioto), onde as dinastias de artistas e artesãos continuam a perpetuar suas áreas de produção e manifestação artística, e a trabalhar na preservação e transmissão do seu conhecimento e habilidades. Dentro deste contexto, Oliveira Lima reitera constantemente, em diversas passagens deste capítulo, a importância de Kioto como centro de produção artística, e lamenta gravemente o impacto do mercantilismo sobre a produção artística.

O capítulo intitulado "Na sociedade de Tóquio", Oliveira Lima inicia com uma análise dos fatores de sociabilidade entre japoneses e estrangeiros; sociabilidade esta sujeita às influências de atritos políticos, ideológicos e econômicos. Em primeiro lugar, o autor destaca um aspecto de suma importância para a compreensão da sociabilidade no Japão (aspecto este que, do ponto de vista do leitor brasileiro, exige explicações muito detalhadas, como posteriormente reiteraria Sérgio Buarque de Holanda)³⁴, que é a diferença entre *etiqueta* e *cordialidade*.

Oliveira Lima verifica que o enriquecimento econômico de alguns setores da população gerou choques culturais que resultaram em situações *sui generis* e maiores dificuldades de socialização entre japoneses e estrangeiros. Seria o caso de indagar se tais situações derivariam do "notório chauvinismo" da sociedade japonesa; se resultado dos choques políticos e culturais que caracterizaram a *Bakumatsu* e a era Meiji, por uma eventual "indigestão" de cultura ocidental; ou se Oliveira Lima estaria analisando o contexto à luz de um *ethos* baseado na "cordialidade" brasileira (ou mesmo, pernambucana)? Pois o desenvolvimento da era Meiji foi efetivamente um choque, a cujas conseqüências a sociedade japonesa se acomodou somente em seus últimos anos, após a Guerra Russo-japonesa (em 1905, quando Oliveira Lima já se encontrava fora do Japão, negociando com o Ministério a anulação de sua

transferência para Lima), na qual o Japão, por sua vez, aplicou um choque político no resto do planeta.

O autor, no entanto nos leva a crer que tais choques decorrem justamente do fato de haver ocorrido no país algo que poderíamos classificar como uma "revolução conservadora"; "Uma vez percorrido e conhecido o Japão atual, se lermos as descrições do século XVII - as cartas do piloto inglês Will Adams, falecido perto de Yokohama numa honorífica reclusão; a estimulante narração de D. Rodrigo de Vivero, o governador de Manilha que um temporal fez desembarcar no arquipélago, e, sobretudo a circunstanciada, honesta e verídica obra de Kaempfer - é que verificamos quão pouco diferente é em muitos sentidos esse Japão moderno do antigo."³⁵ No que tange à questão da sobrevivência institucional das *práxis* políticas japonesas arcaicas, remanescentes do shogunato, se afigura um tanto irônico ler comentários sobre esse assunto, oriundos da pena de um funcionário brasileiro como Oliveira Lima. Este nos explica que "O nepotismo ou antes o espírito de clã na política (...) é uma coisa tradicional no Japão. Os xoguns da primeira série estabeleceram sua autoridade predominante e sustentaram-na confiando todos os empregos importantes aos seus parentes, os quais acabaram por governar o próprio xogum, tornando uma perfeita realidade o chamado governo do *bakufu*, literalmente *por trás da cortina*. Mais tarde Ieyasu consolidou o seu sistema administrativo pela criação de novos feudos, situados entre os antigos, em cuja fidelidade se fiava mediocrementemente, e distribuídos por amigos de velha data ou rebentos da sua família. Cada daimio rico e poderoso, que podia fazer sombra ao vassalo arvorado em tutor do Micado, via assim à sua porta uma sentinela armada, espiando-lhe os movimentos."³⁶ E prossegue verificando que tal sistema proporcionou o surgimento, após a restauração Meiji, de uma aristocracia montada no estilo europeu (posteriormente abolida, pela assembléia constituinte convocada pelo governo de ocupação aliado, após a 2ª Guerra Mundial), controlando as instâncias mais elevadas do governo. Além disso, no que diz respeito à sobrevivência de outras práticas sócio-políticas típicas de *Anciën Régime* nos diversos níveis da sociedade japonesa, o autor disserta longamente acerca da prática do uso de presentes como instrumentos de sociabilidade, e que acarretam em despesas extraordinárias, numa sociedade onde ser financeiramente pragmático é uma necessidade, e ao mesmo tempo ser sovina é uma gafe literalmente imperdoável.

Oliveira Lima especula se o fato da má-vontade manifesta pelos japoneses por estrangeiros (na era Meiji) resultara dos choques culturais e tentativas de penetração imperialistas ocorridas nos séculos XVI e XIX³⁷, posto que os relatos dos missionários jesuítas dos séculos XVI e XVII estão repletos de comentários laudatórios acerca do comportamento dos japoneses.

Oliveira Lima observa também que o sentimento de honra (considerando, *a posteriori*, as análises de R. Benedict),³⁸ apesar das influências sócio-culturais estrangeiras, pauta as relações sociais e se reflete no comportamento cotidiano da população em geral e em suas regras básicas de etiqueta; "Os velhos preceitos não são por certo mais, se um a um os considerarmos, tão escrupulosamente obedecidos como outrora, mas no todo a etiqueta é a mesma. (...) quanto menos contaminada (*sic*) pelos estrangeiros, mais ingênua, confiável e amável se encontrará a gente japonesa."³⁹

Dentro do fluxo de raciocínio que avalia a introdução de estruturas ideológicas ocidentais no Japão, Oliveira Lima analisa a questão da imprensa e da difusão dos meios modernos de comunicação de massa, e constata com certo pasmo e um ar de censura, a agressividade da imprensa japonesa (da virada do século), que classifica como corruptora de costumes. O autor caracteriza, dentro do contexto de uma sociedade que pouco mais de três décadas antes encontrava-se sob uma ordem sócio-política típica do *Anciën Régime*, a introdução repentina dos preceitos da democracia liberal (clássica?) como um fator de erosão e dissolução das regras de convivência social, sob a justificativa de uma eventual e suposta promoção de uma ordem social igualitária.

Oliveira Lima observa que, por um lado, no período Tokugawa, a produção cultural literária era rigorosamente controlada pelo Estado; a partir da era Meiji, as garantias legais de liberdade de opinião e expressão deram margem a toda sorte de abusos, principalmente a chantagem a personagens públicos (Nota: Como se a imprensa ocidental fosse diferente. Podemos considerar talvez que, neste ponto, o aristocrata rural pernambucano se sobrepôs ao intelectual cosmopolita).

Oliveira Lima reitera que, ao lado de meia dúzia de publicações respeitáveis, verifica-se a existência de dezenas de publicações de valor espúrio. Por outro lado, numa irônica nota de pé-de-página, Oliveira Lima constata que a maioria dos jornalistas realmente respeitáveis possui, no entanto, um conceito um tanto exagerado a respeito de si próprios. Num balanço geral da atividade jornalística no Japão,

Oliveira Lima extrai um saldo negativo da tendência geral dos periódicos de crucificar todas as personalidades públicas, sejam elas quem for (com uma exceção óbvia).

Passando para o plano das questões de interesse politicamente mais direto; analisando o desenvolvimento econômico japonês, Oliveira Lima observa que, mesmo com as alterações e o desenvolvimento dos paradigmas econômicos, os padrões gerais de consumo da população permanecem os mesmos: as demandas do mercado interno superam largamente a oferta, seja no setor primário (agricultura), seja em outros setores (produção industrial de bens de consumo não-duráveis). Conseqüentemente, Oliveira Lima observa que o desenvolvimento econômico e as conseqüências de seu impacto social estimulam tremendamente a demanda por instrução; em particular, a nível superior.

No entanto, nem seria exatamente o setor privado e/ou industrial, mas em particular o Estado Imperial o principal pólo de atração para os contingentes de profissionais formados pelos estabelecimentos de educação superior do país, considerando-se o extraordinário prestígio confuciano que as instituições públicas desfrutam no seio da sociedade japonesa; prestígio este para o qual contribui em grande medida o extenso repertório historiográfico nacional, do qual mesmo muitas gerações ainda naquele momento (em 1901) dispunham de memórias pessoais e/ou testemunhos oculares.

Oliveira Lima verifica que os critérios de ação básicos da intelectualidade japonesa, movidos por um apaixonado (mesmo que nem sempre consciente) fervor patriótico⁴⁰ visam, via de regra, superar qualitativamente a matriz civilizacional fornecedora de uma determinada estrutura de conhecimento. O autor considera que, assim como ocorrera há séculos com a China (da qual se absorveu principalmente a escrita, os sistemas éticos e institucionais e o sistema religioso), naquele momento que observava ocorria o mesmo com a Europa. Oliveira Lima testemunhava que, naquele momento (e mesmo imediatamente *anterior* ao triunfo de 1905) o entusiasmo da sociedade e do Estado japoneses com o êxito de seus critérios e esforços de ação política, econômica e intelectual elevavam o Japão à uma posição confortavelmente comparável à grande potência mundial da época, a Inglaterra. Oliveira Lima, como testemunha oficial em nome da sociedade e do Estado brasileiros, comenta: "Eu contento-me com seguir o fio do sintomático discurso."⁴¹

Neste mesmo discurso testemunhado pelo autor, observamos as linhas gerais de desenvolvimento estratégico da economia japonesa, seguindo *religiosamente* os cânones do sistema capitalista.⁴²

Dentro deste contexto, Oliveira Lima prossegue dissertando acerca do desenvolvimento quantitativo e qualitativo (naquele momento, anterior à Segunda Guerra Mundial, mais *quantitativo* que qualitativo) da capacidade industrial japonesa, e como este desenvolvimento era concomitante à transição da capacidade de formação de capitais da estrutura econômica japonesa; ou seja, naquele momento o autor testemunhava o Japão como uma prudente economia importadora de capitais, mas profetizava (muito corretamente, por sinal), o futuro advento de um sistema financeiro japonês com capacidade de *exportação* de capital.⁴³

A este capítulo, Oliveira Lima completa com uma descrição pormenorizada dos detalhes estéticos que caracterizam a *sociedade de corte* contemporânea de Tóquio e suas peculiaridades neste contexto de transição e adaptação sócio-cultural.

No capítulo intitulado "Os políticos do Meiji", Oliveira Lima analisa o cenário político japonês da virada do século; que, apesar de não se apresentar como um Estado democrático *strictu sensu*, não deixa de apresentar o conflito interno típico dos Estados parlamentares modernos: o constante antagonismo entre conservadores e radicais, sendo ambas as facções movidas por uma convicção em comum, a da importância do benefício coletivo.

"Desde a revolta de Satsuma, sangrentamente debelada, que a autoridade efetiva do Governo Imperial é indisputada, tomando porém o desassossego das ambições o lugar do desassossego dos ressentimentos. O governo de clãs, que substituiu o de camarilhas, se assim podemos chamar os gabinetes ou conselhos privados do soberano, tende por seu turno a ser levado de vencida pelo governo de partidos, cujos ganhos já são líquidos, embora limitados. (...) O estabelecimento do regime constitucional, em cumprimento das promessas imperiais de 1868, foi a consequência de uma agitação política capitaneada principalmente pelo conde Itagaki e que se estendeu e derrubou as hesitações, temores e perseguições dos estadistas no Poder. Também a revisão dos tratados celebrados sob pressão pelo governo xogunal (nota: ver PANIKKAR, K. M. *A dominação ocidental na Ásia – Do século XV aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1977. pp. 210-14) se fez debaixo da

minuciosa e irritada fiscalização do grande número, que não permitiu transigência nem concessões."⁴⁴

Como verificamos anteriormente, Oliveira Lima era, por convicção pessoal, um liberal no sentido clássico do termo; adepto da Doutrina Monroe, entre outros conceitos, no seu sentido original. Assim considerando, verificamos a honestidade intelectual do mesmo, quando este reconhece, em sua análise dos processos políticos no Japão contemporâneo, que os princípios políticos e a prática do liberalismo clássico encontram-se plenamente em vigor *exclusivamente* nos Estados Unidos e Inglaterra, e em nenhum outro lugar na face da Terra. Tais considerações ideológicas são fundamentais para contextualizar e compreender os comentários de Oliveira Lima em sua análise crítica, acerca da implantação e funcionamento do regime monárquico parlamentar constitucional no Japão.⁴⁵ Um dos pontos de destaque desta análise é a respeito da grande fluidez e volatibilidade dos gabinetes, no contexto do parlamentarismo japonês. Oliveira Lima observa que, no contexto geral do jogo político japonês, não há autênticas divergências ideológicas, visto que a maioria dos grandes chefes nos ambientes parlamentar e administrativo-estatal são em sua maioria oriundos da antiga nobreza imperial (de Quioto) e/ou antigos samurais (ex-daimyo, vassalos do Castelo de Edo, membros dos clãs de Satsuma e Choshu, etc.); no entanto, profetiza que, à medida que vai se processando o desenvolvimento da máquina parlamentar japonesa, em breve ocorrerá o advento de genuínos representantes das massas populares, consolidando a democracia no país. Diante de tal quadro, acerca do caráter aristocrático do governo japonês (na era Meiji), Oliveira Lima especula a respeito do hipotético momento em que as massas populares adquirirão uma consciência política mais sólida e uma noção mais clara a respeito de sua posição na estrutura de poder da sociedade nacional, com sérias consequências para as instituições sócio-políticas do país, incluindo a condição do Imperador.

Considerando as especulações de caráter sócio-político levadas à cabo pelo autor neste sentido, é lícito fazer uma referência dos fatos ocorridos ao longo do desenvolvimento do processo de reorganização do Estado nacional e das estruturas de poder político japonesas após a vitória aliada na 2ª Guerra Mundial, ocorrida 42 anos após a publicação destas observações realizadas por Oliveira Lima.⁴⁶

Apesar de não serem consideradas como revolucionárias (num sentido marxista do termo), as entidades políticas de esquerda que atuam no Japão já

demonstravam na virada do século um grande esforço de conscientização coletiva, principalmente no que diz respeito a um dos principais aspectos da cidadania, a relação entre taxaço e representação.⁴⁷

Considerando o advento da mobilização popular no Japão, Oliveira Lima exalta, em diversas passagens de seu trabalho, a obra educacional de Fukuzawa Yukichi; que, concomitantemente ao processo de absorção intelectual do Ocidente, constitui-se como um dos principais fatores de tomada e desenvolvimento de consciência civil por parte do povo japonês; ou seja, considerando as características morais anteriormente citadas pelos antigos jesuítas, somadas aos esforços de educadores contemporâneos (discípulos de Fukuzawa) e a já citada capacidade de absorver e aperfeiçoar idéias, princípios e conceitos, Oliveira Lima calcula que o povo japonês já, neste momento, dispõe de possibilidade de superar as limitações impostas por um Estado aparentemente liberal, porém aristocrático em sua essência, e desenvolver-se extraordinariamente como um corpo social democrático.

Oliveira Lima ainda especula que, assim como pôde ser tão eficiente na busca de conquistas econômicas e materiais, a nação japonesa tem potencial ideológico para ser igualmente eficiente na busca de conquistas sociais.

Conforme seria confirmado posteriormente pelas pesquisas de K. M. Panikkar, Oliveira Lima constata que, neste momento da virada do século, a luta do Estado japonês por sua soberania girava principalmente em torno da revisão dos tratados estabelecidos com o governo do xogum, semelhantes aos tratados invasivos estabelecidos com a China e que privilegiavam o princípio da extraterritorialidade. No contexto destas lutas dos indivíduos que viriam a compor o governo Meiji; para fazer frente ao antigo Estado *bakufu*, legitimar a autoridade temporal do Imperador e elaborar as estratégias mais adequadas para resguardar e consolidar a soberania nacional perante os avanços do imperialismo ocidental; Oliveira Lima dá destaque às trajetórias pessoais de dois dos seus mais importantes líderes, o conde Inouye Kaoru e o marquês Ito Hirobumi, desde suas peripécias na Europa, até sua participação na *Bakumatsu*.⁴⁸

Como fora citado anteriormente, Oliveira Lima tinha como uma das características de seu discurso analítico (seja sociológico, político ou historiográfico) o uso de citação de personalidades em particular, com o objetivo de caracterizar o rumo e as circunstâncias de um determinado processo de desenvolvimento político

(conseqüência, talvez, de sua formação de matriz *rankeana*?); assim sendo, torna-se perfeitamente compreensível o entusiasmo com que o mesmo situa as trajetórias pessoais dos construtores do Estado japonês na era Meiji como fatores de identificação intrínseca do processo de formação e das características gerais contemporâneas deste mesmo Estado em si. "Sobre que novo alicerce virá a organizar-se a sociedade japonesa não sei mesmo bem, ou antes demais o prevejo, porque o mundo todo se está hoje organizando sobre a base do capitalismo."⁴⁹ Da mesma forma que exalta as trajetórias dos estadistas da era Meiji, Oliveira Lima exalta as características e qualidades dos estudantes, corroboradas pelo testemunho de importantes mestres universitários.⁵⁰

A despeito de tais métodos de análise, pautando-se pelo exame da elite dirigente do país, Oliveira Lima considera que, apesar das graduais mudanças sócio-culturais no Japão (com a redução do poder político dos principais grupos atuantes nos períodos de agitação civil no final do xogunato), os grupos sócio-políticos que, na terminologia atual (de orientação marxista) poderíamos classificar como "burguesia", não estão necessariamente à altura da tarefa de condução do processo de desenvolvimento sócio-político que se apresenta em andamento. Como um dos exemplos mais evidentes desta afirmação, Oliveira Lima cita a má-vontade típica do povo japonês para com os costumes e a práxis judiciária ocidentais introduzidos no país. Entretanto, estes mesmos procedimentos e princípios, Oliveira Lima observa, foram alguns dos instrumentos com os quais o Estado quebrou a antiga ordem estamental e introduziu a igualdade civil.

O autor argumenta que, apesar dos protestos de defensores da ordem tradicional, estes instrumentos ideológicos são justamente as garantias de manutenção desta mesma ordem social, modificada na forma, para garantir a essência.

Oliveira Lima observa que no Japão, assim como no Ocidente, o sistema parlamentar dá margem à lastimável ocorrência de politiqueros profissionais, destituídos de mérito; entretanto, ele verifica que, entre os autênticos Homens de Estado, os representantes japoneses revelam qualidades de causar inveja a seus congêneres ocidentais, tais como sua determinação férrea, patriotismo (no *strictu sensu* do termo) e desprendimento pessoal.

Resumindo, através da análise do processo de construção da política japonesa contemporânea, Oliveira Lima esboça um painel geral do desenvolvimento sócio-

político japonês nos contextos de transição que foram o período final do xogunato Tokugawa e as três primeiras décadas da era Meiji, levando em consideração os choques culturais, tanto entre os diversos grupos das classes dirigentes quanto nas massas populares, decorrentes da absorção (inicialmente indiscriminada e, posteriormente, racionalizada) de conceitos morais, éticos e políticos do Ocidente.

No último capítulo de sua obra, não por acaso intitulado "A hegemonia asiática", Oliveira Lima esboça uma análise dos programas e objetivos da política externa japonesa na era Meiji.

Inicialmente, ele explica o contexto civilizacional da região para o leitor brasileiro através de uma analogia com as raízes civilizacionais do mundo ocidental; comparando, em termos de importância para a cultura japonesa, a civilização chinesa com a importância representada pela civilização helênica para o mundo ocidental.

Assim, da mesma forma que os europeus ocidentais encaravam a Grécia moderna com um misto de desprezo (por sua inferioridade sócio-econômica e política atual) e de reverência (pela herança cultural legada ao Ocidente), o mesmo sentimento misto de desprezo e reverência os japoneses reservavam na era Meiji à Coréia e à China, segundo a análise comparativa de Oliveira Lima.⁵¹

Além das conexões étnico-culturais e proximidade geográfica, Oliveira Lima assinala a forte dependência econômica da Coréia em relação ao Japão. Dentro deste contexto, ele explica para o leitor brasileiro os aspectos de interesse das partes contratantes do Tratado de Aliança Anglo-Japonesa celebrado em 1901; e as implicações do mesmo para a Coréia, a China e, principalmente, a Rússia.⁵² Ao analisar a situação internacional como se apresentava (em 1901 - 1903) no Extremo Oriente, considerando as necessidades geopolíticas da Rússia e a (aparente) capacidade militar desta, Oliveira Lima tinha boas razões para considerar como totalmente improváveis os acontecimentos que viriam a materializar-se na Guerra de 1905. Felizmente para o Japão, os fatos não viriam a corroborar a opinião de Oliveira Lima, quanto a este assunto.

A partir desta discussão, a respeito dos interesses geopolíticos na região da costa asiática do Pacífico, Oliveira Lima desenvolve considerações sobre a influência do progresso sócio-cultural e intelectual japonês nos rumos da política interna chinesa, e especula a respeito das conseqüências políticas (tanto no cenário interno

chinês, quanto no cenário internacional da região, com eventual prejuízo para as potências imperialistas ocidentais) desta influência japonesa na China; materializada principalmente através da presença de inúmeros estudantes chineses nas instituições acadêmicas japonesas.

Este estado de coisas, somado aos fatos registrados ao longo da segunda metade do século XIX (em particular, a Rebelião Boxer), induz à uma reflexão sobre a possibilidade de um alinhamento de interesses geopolíticos entre a China e o Japão. Neste último capítulo, nosso historiador-diplomata especula acerca dos interesses das grandes potências da época na região, sendo a China, então anestesiada por uma estrutura Estatal estagnada, e por uma economia retalhada por demandas imperialistas, o constante pivô de todos estes interesses. Por convicção ideológica pessoal (alinhada às influências liberais anglo-saxônicas), Oliveira Lima vê com apreensão a idéia de um alinhamento político sino-japonês e considera como altamente negativa para o Japão a possibilidade de conflito com a Rússia.

Entretanto, por mais apreensivo, cético e crítico, filtrado por valores europeizantes, que possa parecer o juízo de Oliveira Lima acerca da condição japonesa perante o contexto geopolítico do Extremo Oriente e da política mundial, este termina por manifestar, por conta de seu conhecimento adquirido sobre a história e a sociedade japonesa, confiança na capacidade do Japão de superar desafios desta magnitude, seja quais forem os resultados: "Em qualquer caso o futuro do Japão é um futuro esperançoso, porque o Japão trabalha e não descansa sobre os louros granjeados. (...) Na constante ligação do seu presente com seu passado, que é nele uma sedução ao mesmo tempo que uma força, o Japão toma sem exceção do grande Tokugawa Ieyasu, o qual depois de derrotados os adversários no renhido combate de Sekigahara, quando o seu caminho para a autoridade suprema a todos se mostrava aberto e indisputado, foi visto afivelar o capacete e descer a viseira, respondendo, aos que lhe perguntavam a razão de tão estranho proceder, que um hábil general assim deve agir depois de alcançada a vitória. A forma concreta, forma simbólica, essencialmente japonesa, adotada pelo Tokugawa, significava que não basta o destroço do adversário no campo de batalha para assegurar o poder ao vencedor, restando tanto a fazer no sentido de serenar os ódios, de pacificar os ânimos, de cimentar a união, que fica condenada a perecer depressa uma obra executada sem tal previsão e cautela. E o Japão dos Tokugawa durou quase três séculos como

construção política e, sob muitos aspectos, dura ainda como construção social. Na alma japonesa dificilmente ou nunca se desmanchará esta prega."⁵³

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando Oliveira Lima publicou *No Japão – Impressões da terra e da gente*, aparentemente o Japão já não ocupava mais seus pensamentos; na ocasião, o diplomata-historiador encontrava-se no Rio de Janeiro, lutando para evitar ser enviado para uma designação diplomática que, ao seu ver, encontrava-se aquém de sua capacidade.

Entretanto, justamente por conta destes choques com a estrutura funcional do Ministério das Relações Exteriores, Oliveira Lima ainda prestou alguns serviços à causa das relações entre o Brasil e o Japão; primeiro, ainda ao chegar no Japão, o historiador constatou que o *status* hierárquico e operacional (ou seja, sua dotação orçamentária) da representação brasileira em Tóquio havia sido reduzido por conta de miopia de um Congresso nacional mesquinho, que refletia os interesses de um governo que só respeitava quem estivesse procurando (e com disposição a pagar caro) por sacas de café, de açúcar ou rolos de tabaco; e tomou a iniciativa de corrigir tal situação perante o Ministério.

Em segundo lugar, durante o período em que se encontrava no Rio de Janeiro, Oliveira Lima proferiu diversas palestras, onde resumiu em algumas destas as informações que transmitira de forma mais extensa *No Japão – Impressões da terra e da gente*; o conteúdo destas palestras seria publicado neste mesmo ano, na obra *Cousas diplomáticas*. Além disso, ainda no Japão, a atuação de Oliveira Lima como palestrante no *Getsu yo kai* (Monday Club), entre outros ambientes de socialização, constituiu um gesto pioneiro no desenvolvimento do processo de relações sócio-culturais entre os dois países; divulgando a história e a cultura brasileira num ambiente (para nós, brasileiros) completamente novo.

Apesar de ter sido "atropelado" pelo desenrolar posterior dos fatos, no que se refere às questões da imigração japonesa para o Brasil, e do desenvolvimento das relações comerciais entre o Brasil e o Japão (tanto o Brasil quanto o Japão, e seus respectivos interesses econômicos, mudaram muito, ao longo destes quase 100 anos);

Oliveira Lima, através de *No Japão – Impressões da terra e da gente*, contribuiu para o surgimento de um novo ponto de vista, por parte do Estado e do público brasileiros acerca do país que viria, meio século mais tarde, a constituir a 2ª maior economia do planeta e que viria a formar no território brasileiro a maior comunidade de migração *nikkei* do planeta, elementos básicos de uma relação bilateral formada ainda por diversos outros fatores sócio-culturais e econômicos que, com o desenvolvimento da mesma, tendem a se intensificar cada vez mais.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

Fontes primárias:

LIMA, Manuel de, Oliveira. *Nos Estados Unidos: Impressões políticas e sociais* . Leipzig: Brockhaus, 1899

LIMA, Manuel de, Oliveira. *Coisas diplomáticas*. Lisboa: A Editora, 1908

LIMA, Manuel de, Oliveira. *Evolução brasileira comparada com a hispano-americana e com a anglo-americana*. Rio de Janeiro: Garnier, 1914

LIMA, Manuel de, Oliveira. *Na Argentina - impressões: 1918-1919* . São Paulo: Weiszflog, 1920

LIMA, Manuel de, Oliveira. *Impressões da América Espanhola: 1904-1906* . Rio de Janeiro: José Olympio, 1953

LIMA, Manuel de, Oliveira. *Memórias: estas minhas reminiscências* . Recife: Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes, 1986

LIMA, Manuel de, Oliveira. *O Movimento da Independência: 1821-1822* . Belo Horizonte / São Paulo: Itatiaia / EdUSP, 1989

LIMA, Manuel de, Oliveira. *No Japão – Impressões da terra e da gente*. 3. ed. Rio de Janeiro: Topboks, 1997

LIMA, Manuel de, Oliveira. *Formação histórica da nacionalidade brasileira*, 3. ed. São Paulo/ Rio de Janeiro: Publifolha/ Topbooks, 2000

Bibliografia:

AGUIAR, Ronaldo Conde. *Pequena bibliografia crítica do pensamento social brasileiro*. Brasília/ São Paulo: Paralelo 15/ Marco Zero, 2000

ALBUQUERQUE, Manoel Maurício de,. *Pequena história da formação social brasileira*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981

BENEDICT, Ruth. *O crisântemo e a espada*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002

ERNEST MARTINENCHE. “Prefácio” da edição de *Formação histórica da nacionalidade brasileira*, 3. ed. São Paulo/ Rio de Janeiro, Publifolha/ Topbooks, 2000, pp. 15-18).

FARIA Alberto. “Discurso de recepção a Oliveira Lima na Academia Brasileira de Letras” (in *Discursos Acadêmicos*). Rio de Janeiro, Publicações da Academia Brasileira de Letras, 1937

FLEIUSS, Max. *História administrativa do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1925

FREYRE, Gilberto. *Oliveira Lima, Dom Quixote gordo*. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 1968

GILBERTO FREYRE. “Prefácio” da edição de *Formação histórica da nacionalidade brasileira*, 3. ed. São Paulo/ Rio de Janeiro, Publifolha/ Topbooks, 2000, pp. 9-13).

GILBERTO FREYRE. “Introdução” da edição de *Impressões da América Espanhola* (Rio de Janeiro, José Olympio, 1953, pp. 7-17).

GOUVÊA, Fernando da Cruz. *Oliveira Lima: Uma biografia*. Recife: IAHGP, 1976. 3v.

IGLÉSIAS, Francisco. *Os historiadores do Brasil: capítulos de historiografia brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Belo Horizonte, MG: UFMG, IPEA, 2000

JOSÉ VERÍSSIMO. “Prólogo” da edição de *Formação histórica da nacionalidade brasileira* (3. ed. São Paulo/ Rio de Janeiro, Publifolha/ Topbooks, 2000, pp. 19-27).

Kodansha Enciclopedia of Japan. Tokyo: Kodansha international, 1984

LACOMBE, Américo Jacobina. “Oliveira Lima” (in: Américo Jacobina Lacombe. *Ensaios históricos*) . Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 1993

MALATIAN, Teresa. *Oliveira Lima e a construção da nacionalidade*. Bauru, SP: EDUSC; São Paulo, SP: FAPESP, 2001

MARCO ANTONIO VILLA. “Um historiador em busca da nacionalidade brasileira” (in Oliveira Lima. *Formação histórica da nacionalidade brasileira*, 3. ed. São Paulo/ Rio de Janeiro, Publifolha Topbooks, 2000, pp. 261-267).

MERLE, Marcel. *Sociologia das relações internacionais*. Brasília: EdUnB, 1981

MICHAELIS: *Dicionário prático japonês - português*. São Paulo: Aliança Cultural Brasil - Japão, 2003

MORRIS, Richard B. *Documentos básicos da história dos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Editora Fundo de cultura, 1964

PANDIÁ CALÓGERAS. “Oliveira Lima, diplomata” (in Pandiá Calógeras. *Estudos históricos e políticos*, 2. ed.) . São Paulo; Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1936

PANIKKAR, K. M. *A dominação ocidental na Ásia – Do século XV aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1977

PRADO Jr., Caio. *Formação do Brasil contemporâneo*. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1976

PRADO, Maria Emilia. *Memorial das Desigualdades*. Rio de Janeiro: Revan - Faperj, 2005

SOBRINHO, Barbosa Lima. *Oliveira Lima: sua vida e sua obra* (in Barbosa Lima Sobrinho (org.), *Oliveira Lima: obra seleta*). Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro / Ministério da Educação e Cultura, 1971

STORRY, Richard. *A Modern History of Japan*. Middlesex: Penguin Books, 1960

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999

WATANABE, Akio. *Governo e Política no Japão moderno (Série de Referência - 3)*. Tóquio: International Society for Educational Information, 1985

¹ Mestrando em História Política e Cultural pelo PPGH - UERJ

² PANIKKAR, K. M. *A dominação ocidental na Ásia – Do século XV aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1977. pp. 202-214

³ Dentre os autores citados por Oliveira Lima, Wenceslau de Moraes merece maior atenção pelo estudioso lusófono, tanto português quanto brasileiro. Diplomata e ex-oficial da Marinha Portuguesa, Wenceslau de Moraes viveu os últimos 30 anos de sua vida no Japão e escreveu diversas obras divulgando a cultura do Extremo Oriente em geral e do Japão em particular para o Ocidente, sendo a mais importante *Dai Nippon*, citada por Oliveira Lima na bibliografia de *No Japão: impressões da terra e da gente*.

⁴ LUKACS, John. *O duelo: Churchill x Hitler: 80 dias cruciais para a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. pp. 53-54

⁵ *Hatamoto* significa literalmente "porta-estandarte". No sistema feudal japonês, os *hatamoto* eram os oficiais do estado-maior de um *daimyo*, encarregados de sua segurança pessoal, e desfrutavam, portanto de sua confiança irrestrita. Em geral, gozavam de privilégios inferiores somente aos dos parentes consangüíneos do *daimyo*.

⁶ A respeito das tentativas de romanização da escrita dos idiomas do Extremo Oriente, no século XIX, é possível verificar que, aparentemente, a única bem-sucedida foi a implementada no Vietnã, pela autoridade colonial francesa.

⁷ LIMA, Manuel de, Oliveira. Op. cit. pp. 93

⁸ Idem., pp. 94

⁹ Idem., pp. 95

¹⁰ Idem., pp. 95-96

¹¹ YABE, Mitsuo, et al. *O país das florestas cercado pelo mar*. In: Revista Nipponia; n° 24, 15/03/2003. pp. 5-18

¹² LIMA, Manuel de, Oliveira. Op. cit. pp. 99

¹³ Idem., pp. 56-57, 336-337

¹⁴ Idem., pp. 105

¹⁵ LIMA, Manuel de, Oliveira. Op. cit. pp. 109

¹⁶ Idem., pp. 110

¹⁷ Idem., pp. 111

¹⁸ BENEDICT, Ruth. *O crisântemo e a espada*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002

¹⁹ MORRIS, Richard B. *Documentos básicos da história dos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Editora Fundo de cultura, 1964. pp. 199-201

²⁰ IKEDA, Daisaku. *Os clássicos da literatura japonesa – Comentários e discussões*. Rio de Janeiro: Record, 1979

²¹ LIMA, Manuel de, Oliveira. Op. cit. pp. 133-134

-
- ²² Especialmente os britânicos.
- ²³ LIMA, Manuel de, Oliveira. Op. cit. pp. 147
- ²⁴ SAKATA, Shuji. *Da antiga cidade à moderna capital - 400 anos de mudanças*. In: Revista Nipponia; n° 25, 15/06/2003. pp. 6-9
- ²⁵ LIMA, Manuel de, Oliveira. Op. cit. pp. 158-161
- ²⁶ Trata-se do *Tango no Sekku*, ou Festival dos Meninos, comemorado oficialmente a partir do dia 5 de maio.
- ²⁷ Idem. Op. cit. pp. 182-83
- ²⁸ THOMPSON, E. P. *Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998
- ²⁹ Idem. Op. cit. pp. 228-30
- ³⁰ FREYRE, Gilberto. *Oliveira Lima, Dom Quixote gordo*. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 1968
- ³¹ LIMA, Manuel de, Oliveira. Op. cit. pp. 231, 353-68
- ³² Idem.
- ³³ Revista Nipponia; n° 30, 15/09/2004. pp. 4-28
- ³⁴ HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999
- ³⁵ LIMA, Manuel de, Oliveira. Op. cit. pp. 272
- ³⁶ Idem. Op. cit. pp. 273
- ³⁷ Novamente, verificamos uma convergência com as proposições de K. M. Panikkar.
- ³⁸ BENEDICT, Ruth. *O crisântemo e a espada*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002
- ³⁹ LIMA, Manuel de, Oliveira. Op. cit. pp. 279
- ⁴⁰ Reiterando: Patriotismo, *não* Nacionalismo.
- ⁴¹ Idem. Op. cit. pp. 293-94
- ⁴² Não há, portanto, espaço para ilusões - apesar de seu incomensurável valor civilizacional, observa-se que o Japão também é um país *capitalista*, com todas as consequências que este conceito acarreta, tanto positivas quanto negativas. É instrutivo analisar tal consideração à luz de uma referência acerca do aumento da perspectiva de vida e da capacidade produtiva da população japonesa; ver SAKAGAMI, Yasuko, et al. *O Japão da longa vida*. Revista Nipponia; n° 29, 15/06/2004. pp. 4-16
- ⁴³ LIMA, Manuel de, Oliveira. Op. cit. pp. 294
- ⁴⁴ Idem. Op. cit. pp. 301-02
- ⁴⁵ Idem. Op. cit. pp. 302-05
- ⁴⁶ WATANABE, Akio. *Governo e Política no Japão moderno (Série de Referência - 3)*. Tóquio: International Society for Educational Information, 1985. pp. 6-11
- ⁴⁷ Idem. Op. cit. pp. 309-10
- ⁴⁸ Idem. Op. cit. pp. 314-17
- ⁴⁹ Idem. Op. cit. pp. 318
- ⁵⁰ Idem. Op. cit. nota de pé de página pp. 319
- ⁵¹ Idem. Op. cit. pp. 328
- ⁵² Idem. Op. cit. pp. 330
- ⁵³ Idem. Op. cit. pp. 351